



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

A cristologia de Ireneu de Lião como contraponto à cristologia gnóstica*The Christology of Irenaeus of Lyons as a Counterpoint to Gnostic Christology**La cristologia de Ireneo de Lyon como contrapunto a la cristologia gnóstica***Maycon Renan da Silva Santos Boni¹**orcid.org/0000-0003-0698-1199
mayconrenan2@hotmail.com**Recebido em:** 17 out. 2023.**Aprovado em:** 28 ago. 2024.**Publicado em:** 05 dez 2024.

Resumo: Ireneu de Lião é considerado por muitos estudiosos como primeiro teólogo bíblico da Igreja e o pai da teologia sistemática. Desenvolveu sua teologia em um período no qual surgiram várias heresias que, entre os vários pontos, negavam a humanidade de Jesus. Citam-se principalmente os gnósticos e docetas. Ireneu procurou conhecer o ensinamento de tais correntes de pensamento e, com base na Tradição dos apóstolos e na Escritura, apresentou uma cristologia que enfatiza sobretudo a encarnação do Verbo para a salvação do ser humano. Ireneu, profundamente influenciado principalmente pelo Prólogo de João (1,14), infere que o "Verbo se fez carne e habitou entre nós", de modo que se trata de um Cristo real e não aparente como queriam os gnósticos e docetas.

Palavras-chave: cristologia; gnósticos; Ireneu de Lião; encarnação.

Abstract: Irenaeus of Lyons is considered by many scholars to be the Church's first biblical theologian and the father of systematic theology. He developed his theology during a period in which several heresies emerged that, among other things, denied the humanity of Jesus. Mainly mentioned are the Gnostics and Docetists. Irenaeus sought to understand the teaching of such currents of thought and based on the Tradition of the apostles and Scripture, he presented a Christology that emphasizes above all the incarnation of the Word for the salvation of human beings. Irenaeus, deeply influenced mainly by the Prologue of John (1,14) infers that the "Word became flesh and dwelt among us", so that it is a real Christ and not apparent as the Gnostics and Docetists wanted.

Keywords: Christology; Gnostics; Irenaeus of Lyons; incarnation.

Resumen: Muchos eruditos consideran que Ireneo de Lyon es el primer teólogo bíblico de la Iglesia y el padre de la teología sistemática. Desarrolló su teología durante un período en el que surgieron varias herejías que, entre otras cosas, negaban la humanidad de Jesús. Se mencionan principalmente a gnósticos y doctrinarios. Ireneo buscó comprender la enseñanza de tales corrientes de pensamiento y basándose en la Tradición de los apóstoles y la Escritura presentó una cristología que enfatiza sobre todo la encarnación del Verbo para la salvación del ser humano. Ireneo, profundamente influido principalmente por el Prólogo de Juan (1,14) infiere que el "Verbo se hizo carne y habitó entre nosotros", de modo que es un Cristo real y no aparente como querían los gnósticos y los doctrinarios.

Palabras clave: cristología; gnósticos; Ireneo de Lyon; encarnación.

Introdução

De maneira geral, a cristologia gnóstica é uma cristologia doceta. Considerando a concepção gnóstica sobre a salvação, segundo eles, o Salvador é simplesmente aquele que vem a fim de iluminar a inteligência, a fim de dar acesso ao além. O Salvador é como que um mestre da



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Curitiba, PR, Brasil.

verdade e que revela aos eleitos os segredos da gnose. De acordo com eles, esse Salvador não tem necessidade de assumir verdadeiramente a condição humana – negam, portanto, a encarnação –, pois o corpo não tem valor algum e deve desaparecer. Outro elemento forte presente na cristologia gnóstica é que a paixão é apenas aparência, ou pelos menos a paixão não se refere ao Salvador, pois a cruz possui um sentido simbólico: é um símbolo cósmico (Meunier, 2005, p. 43-44).

A cristologia gnóstica também não é uma unanimidade de ideias, pois existem várias ramificações a respeito da concepção que os gnósticos tinham de Jesus Cristo. Aqui, serão apresentados alguns elementos acerca da cristologia gnóstica; porém, não se pretende expor toda a problemática acerca da cristologia e nem todas as heresias cristológicas surgidas após Ireneu de Lião. O objetivo é compreender as ideias sobre Jesus Cristo que os gnósticos ensinavam e com as quais Ireneu de Lião se defrontou, para assim construir a sua cristologia. Então, serão apresentados elementos da cristologia por autor e não pelos temas. Será possível perceber que Ireneu, após conhecer as correntes que negavam a encarnação e falavam de um Cristo aparente, assevera, na esteira de João, que o Verbo se encarnou verdadeiramente. Ireneu procura desenvolver dois pontos essenciais: o conceito de recapitulação em Cristo, bem como a concepção de redenção operada por Cristo.

Cristologia gnóstica

A cristologia docetista² afirma que Jesus não recebeu nada de corpóreo. Jesus não nasceu de Maria, mas através de Maria (Padovese, 2004, p. 47). Os docetas negam a realidade do corpo de Cristo por razões diversas, pois eles não formam um movimento unificado (Meunier, 2005, p. 40). Os docetas esvaziavam a realidade histórica de Jesus (Frangiotti, 2013, p. 28). Essa visão só co-

nhece o homem espiritual e nega todo o valor à realidade carnal de Jesus. Cristo não assumiu a carne por ser elemento não passível de salvação (Padovese, 2004, p. 47).

Saturnino³ afirma que o Salvador não é gerado, não tem corpo nem figura e só aparentemente foi visto como ser humano (*Ch* 1,24,2). Basíliades⁴ ensina que o Pai ingênito e inefável, ao ver a derrota de seu povo, enviou o seu primogênito chamado *Nous*, aquele que é chamado Cristo, a fim de libertar os que creram nele do poder dos criadores do mundo. Ele, como ser humano, apareceu na terra às nações deles e fez milagres. Não foi ele quem sofreu a paixão, mas o tal Simão de Cirene⁵ que foi obrigado a carregar a cruz no lugar do Cristo e foi crucificado, quer por ignorância, quer por engano, pois por transformação recebeu o aspecto de Jesus enquanto Jesus tomava o aspecto de Simão e estando ali fazia zombaria deles.

Basíliades dizia também que Cristo, sendo Potência incorpórea e *Nous* do Pai ingênito, se transfigurou como quis e subiu ao que o tinha enviado, zombando dos que não o podiam segurar porque era invisível. Desse modo, segundo eles, é preciso reconhecer não o que foi crucificado – Simão de Cirene sob aparência de Jesus –, mas aquele que foi enviado pelo Pai para destruir esta economia à obra dos criadores do mundo⁶, que assumiu a forma de ser humano, pareceu crucificado e se chamava Jesus (*Ch* 1,24,4).

Carpócrates⁷ ensinava que Jesus nasceu de José e era semelhante a todos os seres humanos. Porém, distinguiu-se dos outros seres humanos por causa da sua alma forte e pura que se lembrava do que tinha visto na esfera do Pai ingênito. Segundo ele, a alma de Jesus foi educada nos costumes dos judeus e os desprezava e, por isso, recebeu o poder de destruir nos seres humanos as paixões que lhes foram impostas como castigos (*Ch* 1,25,1).

² A palavra "docetismo" vem do verbo grego *dokein*, que tem como significado "parecer, manifestar" (Meunier, 2005, p. 40).

³ Saturnino de Antioquia ensinava na Síria (*Ch* 1,24,1).

⁴ Basíliades ensinava em Alexandria (*Ch* 1,24,1).

⁵ No Evangelho de João, não há Simão de Cirene, mas os gnósticos negavam verdades que estão também nos outros livros bíblicos.

⁶ Trata-se dos arcontes.

⁷ Carpócrates era gnóstico de família alexandrina (Fortes, 2014, p. 42).

A cristologia ensinada por Cerinto⁸ diz que Jesus não nasceu da Virgem, porque isso lhe parecia impossível, mas foi filho de José e de Maria de maneira semelhante à dos outros seres humanos, de modo que Jesus se sobressaiu entre todos pela santidade, prudência e sabedoria. Além disso, de acordo com Cerinto, depois do batismo, desceu sobre Jesus, daquela Potência que está acima de todas as coisas, o Cristo, na forma de pomba, e a partir daí começou a anunciar o Pai incógnito e fazer milagres.

Finalmente, o Cristo saiu de Jesus e voltou para o alto. Jesus, porém, sofreu e ressuscitou, enquanto o Cristo permanecia impassível, pois era pneumático (*Ch* I,26,1). Isso, portanto, deixa clara a distinção que Cerinto fazia de Jesus do Cristo. O Cristo era um dos Éões superiores que havia descido dos céus sobre o homem Jesus, filho do *Demiurgo*, de modo que o abandonou na hora da paixão (Frangiotti, 2013, p. 15).

O ebionismo, por sua vez, era uma corrente de pensamento judeu-cristã que negava a divindade de Jesus, reconhecendo-o como simples ser humano. Os defensores de tal doutrina seriam os judeus de tendência cristã, talvez essênios convertidos que permaneceram fiéis aos costumes da Lei, mas que eram hostis ao Templo (Padovese, 2004, p. 46). Os ebionitas ensinavam uma cristologia adocionista.

Eusébio de Cesareia diz que os ebionitas recebiam esse título porque tinham de Cristo con-

ceitos pobres e acanhados. Consideravam Cristo simples e vulgar; ser humano justificado pelo progresso na virtude e gerado pela união de um homem e Maria (*HE* III,27,2). Ireneu diz que eles utilizavam somente o Evangelho segundo Mateus e rejeitavam o apóstolo Paulo como apóstata da Lei (*Ch* I,26,2).

Por perseverarem na fé judaica, não admitiam as insinuações daqueles que falavam de Jesus como um ser divino. Os ebionitas se fixaram em elementos da pregação primeira, como está no discurso de Pedro, na manhã de Pentecostes, em At 2,14-36⁹ (Frangiotti, 2013, p. 19). Ireneu demonstra que os ebionitas procuravam interpretar as profecias de maneira bastante curiosa. Eles também praticavam a circuncisão e continuavam a observar a Lei e os costumes judaicos da vida e até adoravam Jerusalém como se fosse a casa de Deus (*Ch* I,26,2).

Os ebionitas negavam a divindade de Jesus, mas o reconheciam como o Messias anunciado pela Lei e pelos profetas. Jesus, portanto, teria nascido de José e Maria e foi ungido por Deus, com o Espírito Santo, no Jordão, quando de seu batismo, ele recebeu a filiação divina. Todavia, os ebionitas negavam sua pré-existência como Verbo de Deus. Jesus seria, então, ser humano predestinado por Deus, e no seu batismo recebera o Filho de Deus, o Verbo-Sabedoria de Deus Pai. Jesus era, para os ebionitas, um judeu crente, fiel, piedoso, profeta e mestre sem igual.

⁸ Cerinto é um gnóstico cuja atividade se intensificou no final do século I (Frangiotti, 2013, p. 15). Eusébio explana que Dionísio, bispo de Alexandria, no segundo livro das *Promessas*, afirma: "Cerinto, autor da heresia chamada cerentiana, nome derivado do seu, quis pôr sua obra sob o patrocínio de um nome fidedigno. O essencial de seu ensinamento é este: o reino de Cristo será terrestre" (*HE* III,28,4).

⁹ "Pedro, então, de pé, junto com os Onze, levantou a voz e assim lhes falou: Homens da Judeia e todos vós, habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e prestai ouvidos às minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como pensais, pois esta é apenas a terceira hora do dia. O que está acontecendo é o que foi dito por intermédio do profeta: *Sucedará nos últimos dias, diz Deus, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito. E farei aparecer prodígios em cima, no céu, e sinais embaixo, sobre a terra. O sol se mudará em escuridão e a lua em sangue, antes que venha o Dia do Senhor, o grande Dia. E então, todo o que invocar o nome do Senhor, será salvo.* Homens de Israel, ouvi estas palavras! Jesus, o Nazareu, foi por Deus aprovado diante de vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus operou por meio dele entre vós, como bem o sabeis. Este homem, entregue segundo o designio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder. De fato, é a respeito dele que diz Davi: *Eu via sem cessar o Senhor diante de mim: ele está à minha direita, para que eu não vacile. Por isso alegra-se o meu coração e minha língua exulta. Até minha carne repousará na esperança, porque não abandonarás minha alma no Hades nem permitirás que teu Santo veja a corrupção. Deste-me a conhecer os caminhos da vida: encher-me-ás de júbilo na tua presença.* Irmãos, seja permitido dizer-vos com toda franqueza, a respeito do patriarca Davi: ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo encontra-se entre nós até o presente dia. Sendo, pois, profeta, e sabendo que Deus lhe havia assegurado com juramento que um descendente seu tomaria assento em seu trono, previu e anunciou a ressurreição de Cristo, o qual na verdade não foi abandonado no Hades, nem sua carne viu a corrupção. A este Jesus, Deus o ressuscitou, e disto nós somos testemunhas. Portanto, exaltado pela direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, e é isto o que vedes e ouvis. Pois Davi, que não subiu aos céus, afirma: *Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu faça de teus inimigos um estado para teus pés.* Saiba, portanto, com certeza, toda a casa de Israel: Deus o constituiu Senhor e Cristo, este Jesus a quem vós crucificastes" (At 2,14-36) (Tradução da Bíblia de Jerusalém).

Os ebionitas tinham dificuldade em conceber a divindade de Jesus e, ao mesmo tempo, manterem a fidelidade ao monoteísmo judaico. Em outras palavras, eles não concebiam Jesus como Deus com a revelação bíblica da unidade e unicidade de Deus (Frangiotti, 2013, p. 19-20). Os ebionitas são banidos tanto do judaísmo, por aceitar Jesus como Messias, quanto do cristianismo, pois não aceitam a divindade de Jesus.

Já a doutrina de Marcião tem como núcleo a proclamação da redenção operada por Jesus através da misericórdia de Deus Pai (Frangiotti, 2013, p. 41). Ireneu diz que, segundo Marcião, Jesus foi enviado pelo Pai que está acima do Deus criador do mundo¹⁰ e veio à Judeia no tempo em que Pôncio Pilatos era governador, procurador de Tibério César, manifestou-se como ser humano aos judeus e aboliu os profetas, a Lei e as obras todas do Deus criador que eles chamam Cosmocrátor (*Ch* I,27,2).

Marcião ensina que o Cristo apareceu na sinagoga de Cafarnaum e veio ao mundo sem intervenção de Maria. Revestido de uma aparência de corpo, lançou o fundamento de um novo reino espiritual. Todavia, por causa da instigação dos judeus, acabou sendo condenado à morte, mas sua paixão e sua morte foram somente aparentes, pois, para sofrer e morrer, seria necessário um corpo real. Cristo, segundo Marcião, não podia assumir um corpo material a fim de não cair sob o poder do maligno, sem se submeter ao poder do *Demiurgo*. Para os marcionitas, Jesus era a personificação da ideia de Redenção de modo que aqueles que cressem nele gozariam no seu reino de uma felicidade perfeita (Frangiotti, 2013, p. 43). No marcionismo, portanto, se vê a negação da encarnação do Verbo.

Como já foi dito antes, a cristologia gnóstica diversifica-se em muitas ramificações, de modo que, em linhas gerais, várias negam a encarnação do Verbo de Deus. Também muitas falam de uma encarnação aparente, e outras falam da filiação de Jesus por parte de José e Maria, e que foi no batismo que o Cristo desceu sobre ele. É

conhecendo a cristologia gnóstica que Ireneu construiu sua teologia, e é por isso que ele dá grande destaque à encarnação do Verbo de Deus.

Cristologia ireneana

Quando se estuda a protologia e a antropologia de Ireneu de Lião, se percebe nitidamente a presença do Verbo na criação. O Verbo é a imagem do Deus invisível, protótipo da criação, uma das "Mãos do Pai", pelas quais Deus criou tudo o que existe, tanto o mundo visível quanto o mundo invisível, e plasmou o ser humano. Dessa maneira, percebe-se um estreito vínculo entre protologia/antropologia com a cristologia (Maia, 2013, p. 153).

A antropologia, por exemplo, parte do princípio de que somente à luz de Jesus Cristo o ser humano novo, isto é, somente no mistério do Verbo encarnado se elucida o mistério do ser humano (Müller, 2015, p. 90). Aliás, Cristo manifesta de forma plena o ser humano ao próprio ser humano e lhe descobre a sua altíssima vocação. Não é de se admirar que, em Cristo, tais verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice (GS 22).

Quanto à protologia, a Palavra eterna ou Filho eterno foi o mediador da criação (Müller, 2015, p. 123); de modo que, por meio dele, foram feitas todas as coisas (Jo 1,3). Nesse sentido, o Jesus histórico, sendo o *Logos* encarnado, é o objetivo fundamental da criação (Müller, 2015, p. 123). Dessa forma, se percebe também a íntima relação entre a protologia e a cristologia.

A cristologia é o argumento de maior importância na teologia ireneana (Ribeiro, 2014, p. 30), e ela possui um vínculo bastante estreito com a soteriologia, de maneira tal que elas são inseparáveis (Maia, 2013, p. 153). A cristologia ireneana está intimamente ligada à noção trinitária e contextualizada pelas controvérsias gnósticas. Sua cristologia trouxe grande contribuição para a teologia posterior (Ribeiro, 2014, p. 31).

Ireneu tem como ponto de partida as preocupações apologéticas contra o gnosticismo e o marcionismo e é o primeiro pensador cristão

¹⁰ Para Marcião, o Deus criador é o Deus do Antigo Testamento (AT), o Deus da Justiça, o *Demiurgo*, e o Pai de Jesus é o Deus bom e misericordioso.

que apresenta, de modo amplo, a obra de Cristo no interior de uma história da salvação que se desenrola desde o AT até o retorno escatológico (Padovese, 2004, p. 48). Em Ireneu, se percebe a unidade no plano da salvação que, na sua teologia, é expresso no termo paulino de *recapitulação*, termo caro na teologia de Ireneu.

Em um nível metodológico geral, a cristologia de Ireneu, sem dúvida, se abre como uma cristologia vinda de cima, consistentemente com a matriz joanina, professada pelos Lioneses; Ireneu fora discípulo de Policarpo, que fora discípulo do apóstolo João. A cristologia de Ireneu, portanto, baseia-se na cristologia joanina: "O Verbo se fez carne" (Jo 1,14). Os títulos cristológicos mais relevantes na obra ireneana são: Cristo, Senhor, Filho, Verbo, Filho do Homem, Rei, Mestre, Deus, Mediador, Primogênito. Para Ireneu, não há dúvida de que o Filho é Deus. O texto de *Dem.* 47 é um exemplo válido disso (Gagliardi, 2005, p. 227):

O Pai, então, é Senhor, e o Filho é Senhor, Deus o Pai e Deus o Filho, porque aquele que é nascido de Deus é Deus. Assim, segundo a essência do seu ser e de seu poder, aparece um só Deus; mas, contemporaneamente, na administração da economia da nossa redenção, Deus aparece como Pai e como Filho (*Dem.* 47).

Para Ireneu, o Filho é a revelação do Pai e, sem a sua revelação, ninguém pode conhecer o Pai (*Ch* IV,6,3). O Filho é manifestação do Pai (*Ch* IV,6,6), mas revelando ele, o Filho revela a si mesmo. Tal ação reveladora é realizada pelo Verbo desde o início, pois, para o Lionês, era o Filho que falava a Adão no Éden (*Ch* V,15,4; 16,1; 17,2) e era ele que se voltava ao povo eleito na Antiga Aliança (*Ch* IV,2,3-4). A revelação certamente alcança seu cumprimento com a encarnação (*Ch* IV,6,4-5; Gagliardi, 2005, p. 227).

Recapitulação em Cristo

A recapitulação¹¹ é um conceito de importância singular. Para desenvolver a ideia da recapitu-

lação¹², o teólogo de Lião tem como ponto de partida o texto paulino de Ef 1,10. Nele, Ireneu vê o acontecimento de Cristo como a recapitulação de toda a realidade no projeto de Deus.¹³ O texto explicita o seguinte: "Para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra"¹⁴ (Ef 1,10). Cristo assume a humanidade inteira e toda a sua história começando com Adão (Padovese, 2004, p. 48).

Nesse sentido, a referência paulina é clara, porém o trabalho teológico de Ireneu acrescenta a ela precisões importantes, pois, de um lado, o recapitulador é o próprio Cristo; de outro, a fim de realizar essa obra, ele visa antes de tudo a recapitulação de Adão. Aquele que recapitulou todas as coisas em si mesmo, recapitulou também a obra modelada no princípio, isto é, Adão (Singles, 2010, p. 92).

A recapitulação é o conceito central da teologia de Ireneu. Além disso, o conceito de recapitulação é, portanto, um horizonte necessário para compreender também a cristologia e a soteriologia do Lionês. A nível estatístico, pode-se observar que o grupo de palavras *anakephalaiôsis* – *anakephalaioustai* / *recapitulatio* – *recapitulare* aparece 60 vezes em Ireneu, dos quais 43 vezes em contexto cristológico (Gagliardi, 2005, p. 228).

A doutrina de Paulo da recapitulação evocava uma dupla divisão: após a separação dos judeus e dos gentios, a humanidade perdeu a sua unidade primordial; e, por outro lado, as potências cósmicas se tornaram hostis ao ser humano. Para o teólogo de Lião, a recapitulação reconduz a um evento relativo ao final dos tempos, isto é, escatológico, no sentido de que a recapitulação termina com a história. Dessa maneira, na compreensão de Ireneu, os últimos tempos entraram na sua plenitude com a vinda de Cristo, e essa vinda engloba toda a existência humana do Verbo até a sua segunda vinda, no final dos tempos.

¹¹ Sobre o conceito de recapitulação, Ireneu também foi influenciado por Justino (Ribeiro, 2014, p. 33).

¹² No grego.

¹³ A ideia de recapitulação significa resumir, mas com sentido de levar à plenitude. É o Cristo que leva à plenitude a obra da salvação, restaurando, renovando, reorganizando a unidade do plano de Deus, de modo que se torna o ponto harmonioso do universo inteiro (Ribeiro, 2014, p. 33).

¹⁴ Tradução da Bíblia de Jerusalém.

Através da encarnação do Verbo, Deus recapitulou no seu Ser divino todo o arco da existência humana, desde o nascimento até a velhice. Isso aconteceu para que o Verbo destruísse o pecado e a morte, e desse vida nova à humanidade em todos os aspectos. Ireneu conclui que o Verbo viveu todos os períodos da vida humana santificando cada período: infância, adolescência, juventude e idade avançada¹⁵ (Ribeiro, 2014, p. 34).

A recapitulação da criação por parte do Verbo se dá em três momentos: na encarnação, na cruz e na parusia. Todavia, a chave da recapitulação é a encarnação (Fortes, 2014, p. 80). Para Ireneu, a encarnação é o início de tudo, de modo que se o Verbo não tivesse se encarnado, ele não teria morrido na cruz. Portanto, encarnação e cruz estão vinculadas estreitamente. Quanto à parusia, esta "é citada apenas algumas vezes em ligação com a recapitulação" (Fortes, 2014, p. 81). A recapitulação de todas as coisas por parte do Verbo exige uma segunda vinda do Verbo de modo que, no fim de tudo, "Deus seja tudo em todos" (1Co 15,28). Sobre a recapitulação de todas as coisas em Cristo, Ireneu infere que:

O Verbo Unigênito de Deus, sempre achegado ao gênero humano, que se uniu intimamente à sua obra pelo beneplácito do Pai, e se fez carne, outro não é senão nosso Senhor [...] que se torna presente por meio de toda a economia e recapitula em si todas as coisas. Neste "todas as coisas", está incluído o homem (*Ch* III,16,6).

Segundo Ireneu, o Verbo de Deus se uniu à própria obra que ele modelou. Para a teologia de Ireneu, através da encarnação, o Verbo se une à obra que ele mesmo modelou; e por meio da encarnação, recapitula em si todas as coisas, inclusive o ser humano. De acordo com Ireneu, o Verbo de Deus:

De invisível que era tornou-se visível, passível, de Verbo, homem. Recapitulou todas as coisas em si para que ele, que, como Verbo de Deus, tem a primazia entre os seres celestes, espirituais e invisíveis, a tivesse também entre os seres visíveis e corporais, e para que, ao assumir em si esta primazia e ao tornar-se cabeça da Igreja, atraísse a si todas as coisas no tempo oportuno (*Ch* III,16,6).

De acordo com Ireneu, o Verbo de Deus tem a primazia sobre todos os seres espirituais e invisíveis. Por meio da encarnação, passou a ter a primazia também entre os seres visíveis e corporais, de modo que sendo a cabeça da Igreja que é seu corpo, atraísse a si todas as coisas. O Verbo de Deus:

Quando se encarnou e se fez homem, recapitulou em si toda a longa série dos homens, dando-nos em resumo a salvação, de forma que o que tínhamos perdido em Adão, isto é, a imagem e semelhança de Deus, o recuperássemos em Jesus Cristo (*Ch* III,18,1).

De acordo com o teólogo de Lião, a encarnação, por meio do qual o Verbo de Deus recapitula todas as coisas, devolve a semelhança perdida e a imagem ofuscada ao ser humano que este perdeu em Adão. Além disso, o Verbo recapitula o ser humano a partir de Adão e toda a série de seres humanos que, em Adão, haviam pecado.

Ireneu reafirma que Cristo encarnando-se fez-se cabeça, concentrou em si, recapitulou na sua pessoa toda obra da criação, pois, antes do pecado, tudo estava dirigido para Deus de forma harmoniosa. Porém, agora em Cristo, representando individual e coletivamente a criação toda, restabelece por sua imortalidade a incorruptibilidade, a harmonia do universo que atingirá sua plenitude na ressurreição e na visão de Deus (Ribeiro, 1995, p. 329; nota p. 202).

Dessa maneira, de acordo com o teólogo de Lião, a inteira ordem da salvação, culminada na ressurreição de Cristo, com a sua segunda vinda, a ressurreição da carne, bem como a revelação da salvação conduzem à recapitulação em Cristo (Ribeiro, 2014, p. 35). O Verbo de Deus, com sua encarnação, cumpre a obra de Deus no mundo e para o benefício dos seres humanos.

A palavra recapitulação, portanto, define-se de modo concreto em que Deus atravessou a sua economia salvífica, redimiu o ser humano conduzindo-o à sua plenitude. A recapitulação é, portanto, um termo que subsiste em si mesmo nos vários aspectos da redenção e que o Lionês usa como termo técnico dela e de seus efeitos

¹⁵ Ireneu pensava que Jesus tivesse cinquenta anos quando foi crucificado (Ribeiro, 2014, p. 34).

para o ser humano. Paralelamente ao tema da recapitulação da história, e provavelmente como efeito disso, acontece também a recapitulação do gênero humano (Gagliardi, 2005, p. 229).

Redenção em Cristo

De acordo com Ireneu, no processo de recapitulação, o Verbo precisou redimir Adão e todos os seres humanos, pois também traziam a marca do pecado de Adão. O Verbo de Deus veio também a título de redentor, isto é, veio para redimir por meio de sua entrega e obediência ao Pai, e derramando o seu sangue, por causa do ser humano decaído por causa do pecado (Silva, 2017, p. 100).

Por causa do pecado de Adão, a ordem e a harmonia existentes foram arruinadas. Assim, Jesus Cristo, isto é, o Verbo de Deus que se fez ser humano, ao se encarnar, recapitulou, isto é, fez a soma, compendiou, concentrou na sua pessoa todas as criaturas, de modo que as representa coletivamente e comunicando-lhes a incorruptibilidade. Além disso, o Verbo restabeleceu todas as criaturas naquela harmonia universal, que terá o cumprimento de forma plena na ressurreição e no reino eterno (Lopes, 2014, p. 157).

A redenção é uma das razões pelas quais o Verbo de Deus se fez ser humano. Henry (2013, p. 341) afirma que "a razão pela qual o Verbo tomou uma carne finita como a nossa: porque esta se tinha tornado presa do pecado e da morte". E por que o Verbo de Deus se tornou redentor do ser humano se foi o ser humano quem pecou? O teólogo de Lião explicita o fato de que o ser humano foi injustamente reduzido pelo exílio de Adão e tem necessidade de ser libertado do poder do inimigo. O ser humano, feito carne, nascido de uma mulher, redimiria justamente, ser humano a ser humano, o injustamente reduzido ao cativo (Orbe, 1985, p. 52).

Nesse sentido, de acordo com a teologia ireneana, o ser humano foi enganado pelo inimigo, e esta é a razão para o Verbo de Deus vir a título de redentor. Vale lembrar que, no início, quando o

ser humano foi criado, era como que criança, na visão de Ireneu, e por ser criança, foi facilmente enganado pelo inimigo. Assim, de acordo com o bispo de Lião, foi injusto o que aconteceu com o ser humano, pois, sendo inocente, caiu nas artimanhas do inimigo e foi enganado. O Verbo, vindo na carne, veio para redimi-lo por causa do pecado cometido, graças à tentação do maligno.

Ireneu afirma que era impossível ao ser humano, vencido e também decaído por causa da desobediência, reformar-se e conquistar a palma da vitória, pois ele estava sob poder do pecado. Em todo caso, o Filho, Verbo de Deus, operou ambas as coisas, isto é, desceu de junto do Pai, encarnou-se, rebaixou-se até a morte e também atuou de forma perfeita a economia da salvação (Ch IV,18,2).

Mais uma vez, se compreende a centralidade do mistério da encarnação, pois o Verbo tornou-se ser humano a fim de resgatá-lo do cativo injusto em que ele estava. Cristo foi até mesmo ao sacrifício da cruz, derramou seu sangue, entregou seu corpo e alma à morte; porém, o Verbo não ficou na morte! Ele foi depois "humanamente glorificado, infundiu o Espírito de Deus sobre os redimidos, e os elevou à comunhão com o Pai"¹⁶ (Orbe, 1985, p. 62, tradução nossa).

De acordo com Ireneu, o ser humano caiu no poder da morte por causa do pecado. Ninguém sendo filho de Adão simplesmente podia redimir a humanidade caída, mas precisaria vir um ser humano inocente e que não fosse nascido do pecado. Também este, que deveria vir, precisaria representar o gênero humano como primeiro fruto entre eles e com poder para redimir todos os outros (Silva, 2017, p. 101).

Ao falar a respeito dos efeitos da paixão e mediação do Verbo entre Deus e os seres humanos, Ireneu diz que o Verbo aproximou e reuniu o ser humano a Deus. Além disso, precisaria ser um ser humano para vencer o inimigo, senão a vitória não seria justa; porém, se a salvação não tivesse vindo de Deus, ele não a teria de maneira segura. Também, se um ser humano não estivesse unido a

¹⁶ Do original: "una vez humanamente glorificado – infundió el Espíritu de Dios sobre los redimidos y los ensalzó a la comunión con el Padre".

Deus, não poderia participar da incorruptibilidade. Por isso, é preciso que o Mediador entre Deus e os seres humanos, por causa do parentesco entre as duas partes, pudesse reestabelecer a amizade e a concórdia, de modo que procurasse com que Deus acolhesse o ser humano e o ser humano pudesse se entregar a Deus (*Ch* III,18,7).

A tradução latina *redemptio*¹⁷ carrega a ideia de libertação, ou livramento da escravidão, do aprisionamento. Na Bíblia, essa interpretação se apoia na experiência de Israel que foi liberto do Egito e, mais tarde, do exílio da Babilônia. Nesses casos, o redentor de Israel é o próprio Deus. Ele é o salvador do seu povo. O vínculo que é sugerido por isso é reforçado pelo hebraico *go'el*¹⁸ que quer dizer "livrar", que faz alusão ao direito familiar, que reza que o parente próximo tem como obrigação fazer o resgate dos membros da família que se tornaram propriedade de um estrangeiro.

Se o próprio Deus se mostra "redentor" ou *goel* de seu povo antes da vinda de Cristo, Ele se revela no envio de seu Filho, que é aquele que redime a todos. Em Jesus Cristo, a humanidade inteira é liberta e restaurada na família de Deus que é seu Pai. Por isso, essa noção de resgate está perfeitamente presente nos textos de Ireneu de Lião (Singles, 2010, p. 73).

O teólogo de Lião, em *Ch* IV,38, explanou a respeito da imperfeição do ser humano (criatura). Após, estudou a disciplina do indivíduo histórico, que, além de ser criatura, faltou a Deus e foi reduzido ao cativo. Portanto, não seria suficiente

que o Verbo se fizesse carne. O ser humano, chamado a apreender os ensinamentos do Verbo, deveria estar em condições de ser ensinado pelo Verbo, e isso deveria acontecer fora do cativo. Dessa forma, o Verbo que é perfeito em tudo, em suas duas naturezas, divina e humana, é que pode redimir com seu sangue o seu congênere do pecado e cativo. O Verbo de Deus goza de poder absoluto sobre todas as coisas criadas, em particular, sobre o autor do cativo humano. Por ser um ser humano verdadeiro, em corpo e alma, pode oferecer-se como redenção em favor do interessado, e livrá-lo do injusto cativo. O Verbo é igual em natureza a Adão e seus filhos, porém sai vitorioso diante do inimigo (Orbe, 1985, p. 61).

De acordo com a visão de Ireneu, "Cristo assumiu também a luta que travamos contra nosso inimigo. Atacou e venceu aquele que, no princípio, em Adão, nos reduzira ao cativo, e calçou sua cabeça" (*Ch* V,21,1). Usando as palavras de Gn 3,14, que menciona sobre a inimizade e a descendência entre a serpente e a mulher, Ireneu explica que: "desde esse momento, pois, foi anunciado que esmagaria a cabeça da serpente aquele, semelhante a Adão, que devia nascer de Virgem" (*Ch* V,21,1).

Segundo o bispo de Lião, o Verbo redimiu o ser humano através do derramamento do seu sangue e também por meio de sacrifício espiritual. Com o primeiro, o Verbo foi à morte com efusão de sangue, e ao preço de seu próprio sangue humano arrebatou do inimigo os seres

¹⁷ Redenção. No NT nas quais se encontram expressões relativas à redenção não há quase referência ao resgate, e em algumas passagens redenção tornou-se termo técnico para indicar a ação salvífica de Jesus. Afora Hb 11,35, em que o termo indica simplesmente libertação, encontra-se em passagens que ecoam o uso veterotestamentário a respeito da redenção messiânica de Israel (Lc 1,68; 2,38; 24,21); esses, todavia, falam sobre redenção messiânica de Israel, e possuem mais implicações escatológicas do que soteriológicas. A consumação escatológica é claramente significada pela redenção em Lc 21,28; Rm 8,23, onde indica a ressurreição do corpo; Ef 1,14, em que redenção como posse de Deus é o fim último dos atos salvíficos de Deus; Ef 4,30. "Selados para o dia da redenção." Aqui a expressão parece assumir um sentido meramente técnico. Em outras passagens ela é usada a respeito da obra de salvação realizada por Jesus mediante sua morte, e a seus efeitos imediatos sobre a vida cristã. Jesus redimiu o ser humano da iniquidade (Tt 2,14). Os cristãos são redimidos de sua forma vã de vida pelo sangue precioso de Cristo (1Pd 1,18s). Aqui o sangue se tornou mais o sangue de Jesus do que o próprio Jesus. O cristão é santificado pela graça de Deus que é redenção em Cristo (Rm 3,24). Cristo tornou-se para nós sabedoria, justiça, santificação, redenção (1Cor 1,30). O termo redenção perdeu nessas expressões sua força característica. Redenção mediante o sangue de Cristo é a remissão dos pecados (Ef 1,7; Cl 1,14). Cristo, portanto, morreu para redimir das transgressões (Hb 9,15). Poucas são as passagens entre todas essas em que a metáfora não se tornou bastante vaga. McKenzie (2015) infere que Büchsel parece estar pelo menos próximo da verdade quando ele afirma que a redenção não é uma das ideias principais fundamentais do cristianismo primitivo para descrever a obra salvífica de Jesus. Em relação à essa obra de salvação, somente em Lc, Jo, nas cartas católicas e no Ap encontra-se a expressão. Ela aparece apenas duas vezes em Mt-Mc e em Paulo é muito menos comum do que outras ideias empregadas para descrever o processo salvífico. McKenzie (2015, p. 709) diz que é um paradoxo que a expressão se tenha tornado um termo técnico para descrever essa obra salvífica na teologia e na linguagem popular.

¹⁸ A palavra *go'el*, imperfeitamente traduzida por "defensor", é termo técnico do direito israelita (Nm 35,19ss). Aplica-se, muitas vezes, a Deus, salvador de seu povo e vingador dos oprimidos. Foi aplicada ao Messias pelo judaísmo rabínico, de onde sem dúvida a tradução de São Jerônimo "meu redentor" (Bíblia de Jerusalém, Jó 19,25, nota a).

humanos que foram injustamente escravizados por ele. Apresentou-se, no reino da morte, e levou, sem nenhum tipo de pagamento, os seres humanos que a título de Criador lhe pertenciam. Razoavelmente, com o sacrifício espiritual e estranho a toda violência, redimiu do cativeiro a quantos livremente o acolheram, sem, contudo, dar ao inimigo qualquer título de posse sobre os seres humanos (Orbe, 1985, p. 65). Portanto, o Verbo de Deus redime o ser humano por meio da cruz e ressurreição e depois envia sobre ele o Espírito para o santificar, fazendo-o imagem e semelhança sua de forma plena.

Considerações finais

A cristologia gnóstica é, de maneira geral, uma cristologia que nega a encarnação do Verbo. Ela fala que Cristo não assumiu verdadeiramente a carne humana e que, por isso, seu corpo era apenas uma aparência. Portanto, Cristo não sofreu, não foi crucificado e não morreu verdadeiramente, pois tinha um corpo aparente. Outros gnósticos dizem que Jesus era filho de José e de Maria; que, no batismo, desceu o Cristo sobre o Jesus da economia; e que, na hora da cruz, o Cristo abandonou Jesus, enquanto outros dizem que Jesus passou por Maria como a água passa pelo tubo. Outros ainda dizem que quem foi crucificado não foi Jesus, mas outro(s) no lugar dele. A cristologia gnóstica divaga muito e não está em consonância com os ensinamentos da Tradição recebida dos Apóstolos.

A cristologia de Irineu de Lião é muito rica e é central em toda a sua teologia. Irineu aborda ricamente os conceitos de recapitulação e redenção, e aí se pode falar que estão presentes os diversos elementos da cristologia do teólogo de Lião, que toma o conceito de recapitulação de Paulo e o aprofunda. Cristo é aquele que recapitula em si todas as coisas, começando por Adão. A ideia de recapitulação em Irineu significa, de maneira geral, que Cristo reúne em si todas as coisas. Ele reúne e restaura em si todas as coisas.

Ligado ao conceito de recapitulação, na teologia de Irineu, se tem o conceito de redenção. Segundo Irineu, o Verbo de Deus veio redimir

o ser humano, porque este foi enganado pelo diabo; e por ter sido enganado injustamente, o Verbo se encarnou e veio salvar o ser humano, ensinando-o os caminhos de Deus e dando-lhe vida, morrendo na cruz. Irineu fala que Adão foi enganado pela apostasia e caiu no cativeiro. O diabo seduziu o ser humano; por isso, o Verbo veio também para seduzir, convencer o ser humano, e não forçá-lo. Os mistérios da vida pública de Jesus, sua paixão, crucificação, morte e ressurreição, são extensão da encarnação do Verbo, afirma Irineu. Por isso, a noção de encarnação é central em sua teologia.

Referências

- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- CESARÉIA, E. *História eclesiástica*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- FORTES, J. J. *Credibilidade do cristianismo no Adversus Haereses de Irineu de Lião*. 2014. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2014.
- FRANGIOTTI, R. *História das heresias (séculos I-VII): conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. 6. reimp. São Paulo: Paulus, 2013.
- GAGLIARDI, M. Irineo, fonte per la cristologia del Catechismo della Chiesa Cattolica? In: CATTANEO, E.; LONGOBARDO, L. *Consonantia salutis: studi su Ireneno di Lione*. Trapani: Pontificia Facoltà teológica dell'Italia Meridionale; Istituto "San Clemente I Papa e Martire", 2005. p. 221-237.
- HENRY, M. *Encarnação: uma filosofia da carne*. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: Realizações, 2013.
- IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose*. Introdução, notas e comentários de Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas de Roque Frangiotti; tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.
- IRINEU DE LYON. *Demonstração da pregação apostólica*. Tradução de Ari Luis do Vale Ribeiro. São Paulo: Paulus, 2014.
- LOPES, G. *Patrística pré-nicena*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MAIA, G. dos R. *A soteriologia ireneana e seu influxo na constituição Gaudium et spes como relevância para a acolhida da salvação na Alta Modernidade*. 2013. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2013.
- MCKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*. 12. reimp. São Paulo: Paulus, 2015.

MEUNIER, B. *O nascimento dos dogmas cristãos*. São Paulo: Loyola, 2005.

MÜLLER, G. L. *Dogmática Católica: teoria e prática da Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2015.

ORBE, A. S. I. *Teologia de San Ireneo I: comentário al libro V del "Adversus haereses"*. Madrid: Editorial Católica, 1985.

PADOVESE, L. *Introdução à teologia patrística*. Tradução de Orlando Soares Moreira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

PAULO VI. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1969.

RIBEIRO, A. L. V. Tradução, introdução, notas e comentários. In: IRINEU DE LYON. *Demonstração da pregação apostólica*. São Paulo: Paulus, 2014.

SILVA, M. R. da. *A relação Logos e sax no Prólogo de João e a sua contribuição para a teologia da encarnação em Irineu de Liam*. 2017. 138 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

SINGLES, D. *A glória de Deus é o homem vivo: a profissão de fé de santo Irineu*. Tradução de Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2010.

Maycon Renan da Silva Santos Boni

Mestre, doutor e pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), Curitiba, PR, Brasil.

Endereço para correspondência:

MAYCON RENAN DA SILVA SANTOS BONI

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Graduação em Teologia

Avenida Jockey Club, 485

Hípica, 86067 000

Londrina, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.